

Luanda, cascatas em chamas. *Os Transparentes*, de Ondjaki

Nazir Ahmed Can*

ONDJAKI. *Os Transparentes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. 408 p.¹

Após *Bom Dia Camaradas* (2001) e *AvóDezanove e o segredo do soviético* (2008), e depois de ter passeado com desenvoltura pela poesia e pela escrita dramática, pelo conto e pela novela, pela narrativa infantil, juvenil e pelo cinema, Ondjaki regressa ao romance. E fá-lo com a pluma afiada: *Os Transparentes* é um mergulho cortante nos escombros da Luanda de hoje, cidade em acelerado processo de exclusão social, lugar do petróleo, da ostentação e da fome, mas também dos mais mirabolantes esquemas de sobrevivência inventados pelas classes dominadas.

Protagonista indireto, *habitat* ou passarela de personagens de diversos quadrantes, o prédio de sete andares funciona como metonímia da nação. Inundado no primeiro andar e rentabilizado no terraço, *topos*, portanto, da precariedade e da criatividade, esse espaço cristaliza alguns dos paradoxos da contemporaneidade angolana. Em concreto os de Luanda, transformada, em *Os Transparentes*, no quintal privado de Presidente. A autoridade máxima do país não tem pejo em esventrar a cidade, fazendo com que o caos se instale nas vidas anônimas de Odonato, MariaComForça, CamaradaMudo, VendedorDeConchas, Carteiro, Cego, Paizinho, CienteDoGrã, JoãoDevagar, AvóKunjikise, ZéMesmo ou Paulo Pasmado.

A exceção política, encarnada num líder que acumula cargos ao deus-dará, acaba, como sempre ocorre nessas situações, por deslizar para outras esferas: “– só um cinema oficial é que precisa de papéis, um desoficial não” (ONDJAKI, 2013, p. 136); “apresento-vos a sala de cinema GaloCamões!, que é nosso vizinho e será a nossa mascote viva sem riscos de excessiva proximidade” (p. 150). Do plano cultural ao religioso o passo volta a ser curto. Isto é, para além desse galo decadente e zarolho, que, mesmo não sendo de Barcelos, remete à lusitana ansiedade em ocupar lugares de protagonismo nos eventos artísticos das ex-colônias, o narrador relembra a invasão da “fé comercial” na capital. Esta cruzada dos tempos modernos tem como arena a IgrejaDaOvelhinhaSagrada, de onde se responde “amééééé” aos chamados da crença.

Num misto de ironia, revolta e melancolia, Ondjaki traz-nos o *aqui-agora* de Luanda, a cidade-bazar que “fervia com a sua gente que vendia, que comprava para vender, que se vendia para depois ir comprar e gente que se vendia sem voltar a conseguir comprar” (p. 67). Trá-lo, ademais, com um certo sentido de urgência, visto que, como afirma o homem transparente, chegou o momento de declinar a celebração da alegria: “passámos muitos anos, Xilisbaba, em busca do que é bonito para suportarmos o feio [...] já é hora de encararmos o que não está bem” (p. 48).

Será, pois, Odonato a personificar a ideologia do texto. Padecendo “da doença do mal-estar nacional” (p. 167), deixa de comer e chorar, entra numa espécie de “jejum social” (p. 48) e torna-se o emblema de uma classe invisibilizada: “nós somos transparentes porque somos pobres” (p. 190). Numa cidade onde a distribuição de riquezas parece pertencer à esfera da impossibilidade, competirá ainda a Odonato a contraposição entre o “antes” e o “agora” nacional. Em seus pensamentos surgem enlaçados o desencanto pelo atual estado de coisas e a saudade do antigo processo de construção de uma cidade outrora tão real quanto literária: “os pássaros de um antigo Kinaxixi com trejeitos de Makulusu cantavam invisíveis no seu ouvido semitransparente, era ele que falava com a cidade ou era a cidade de Loanda, Luanda, Luuanda, que brincava de namorar com ele?” (p. 170). O tributo a

Luandino Vieira só vem confirmar as palavras que dedicou Rita Chaves ao autor de *Os da minha rua*: “E estamos diante de uma das qualidades dessa escrita: a sua capacidade de dialogar com a tradição literária de sua terra, retomando tópicos, renovando propostas que são fundamentais no percurso literário que se consolida” (CHAVES, 2007).

Mobilizando uma vasta rede intertextual, *Os Transparentes* articula o comentário explícito acerca dos descaminhos da nação angolana e a descrição/reflexão sobre a fragilidade humana: “as mãos das mulheres atraíram-se, gesto delicado, quase secreto, mais para dividir receios que temperaturas” (p. 13). Todas estas estratégias são, como já nos habituou Ondjaki, permeadas pelo humor. De fato, nem a precariedade da existência, como a transparência flutuante do protagonista, escapa ao escárnio do narrador: “aqui e agora invocamos o seu nome [...] prestando esta singela homenagem a mais um espírito que sobe às alturas [...] o pastor fitou Odonato nos olhos, arrependeu-se da sua frase, tossiu” (p. 333). Também a violência cumprirá uma função fundamentalmente terapêutica nesta narrativa: “o Presidente acenou à população num gesto que anunciava o início da sua fala [...] uma escuridão repentina, precedida de um som surdo, intensamente abafado – é essa a sensação de receber um tiro no centro da testa” (p. 368-369).

Romance coral, da distopia, *Os Transparentes* não dá voz às classes dominadas, pretendendo antes destapar o processo através do qual essa voz tem sido excluída do debate político, situação que, naturalmente, favorece os interesses grosseiros das atuais elites dominantes. Além de uma reflexão sobre os novos caminhos que sua prosa visa a galgar, Ondjaki nos convida, portanto, a pensar na tripla perda dos dias que correm: da matéria, da subjetividade, da reciprocidade.

Notas explicativas

* Pesquisador da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Pós-doutorando na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP).

¹ O presente texto associa-se ao projeto de Pós-Doutorado *Imediações, mediações, consagrações: o campo literário moçambicano (1975-2010)*. Apesar de privilegiar a literatura moçambicana, este projeto, que é apoiado pela FAPESP, realizado na USP e orientado pela Profa. Dra. Rita Chaves, não perde de vista a reflexão em torno das literaturas contemporâneas produzidas nos restantes contextos africanos de língua portuguesa.

Referências

CHAVES, Rita. “Os da minha rua’, de Ondjaki”. *Carta Maior*, São Paulo, 2007. Disponível em: <http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=14006>. Acesso em: 2 set. 2013.

ONDJAKI. *Os Transparentes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. 408 p.

Recebido em: 16 de outubro de 2013

Aprovado em: 10 de abril de 2014